

## **Estado, mídia e nacionalidade – uma análise sobre os “500 Anos” do Brasil<sup>1</sup>**

**Autor:** Laécio Ricardo de Aquino Rodrigues é jornalista formado pelo curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Ceará (UFC) e mestre em Sociologia pela mesma instituição. Atualmente, é aluno do doutorado em Mídias da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), com bolsa da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). ([laecioricardo@gmail.com](mailto:laecioricardo@gmail.com))

**Instituição:** Universidade Estadual de Campinas (Unicamp)

**Resumo:** O ensaio apresenta uma análise da *versão institucional* das festividades dos “500 anos do Descobrimento do Brasil”, celebrada em 22 de abril de 2000, e sua reverberação na grande mídia, especificamente o papel desempenhado pela Rede Globo de Televisão. O *projeto oficial* para a simbólica data defendia um desejo de renovação da nacionalidade, através do reforço de uma memória comum e da cristalização de valores que estimulam a coesão social (sentido de unidade, pertencimento e integração).

**Palavras-chave:** “500 anos do Brasil”; “nacionalidade”; “Rede Globo”

No Brasil, o primeiro semestre de 2000 foi marcado pelas comemorações dos “500 anos do Descobrimento”, referência explícita à data em que a expedição marítima comandada por Pedro Álvares Cabral aportara em solo brasileiro (22 de abril de 1500), demarcando o início da colonização portuguesa. Alardeada com antecedência, a data simbólica – “cinco séculos de existência” – foi incorporada ao calendário de comemorações do governo Federal. Neste texto, gostaria de apresentar uma análise da *versão institucional* dos “500 anos”, num esforço de compreender que interesses foram priorizados, o que foi excessivamente divulgado e o que permaneceu encoberto nas festividades (que recordações o governo Federal planejava rememorar e o que permaneceu excluído?). Em seguida, apresento um estudo sobre a mediação deste episódio histórico pelos meios de comunicação, destacando sua intensiva cobertura por uma mídia específica (a Rede Globo de Televisão), duplo fenômeno que contribuiu para sua popularização.

Reconheço que as narrativas oficiais a respeito dos “500 anos” foram produzidas através de um diálogo constante com muitos atores sociais, como a mídia, as universidades, o mercado editorial, a sociedade civil organizada e a comunidade internacional – não resultou de uma construção isolada do Estado. Contudo, em concordância com Kelly Silva, penso que a autoridade do Estado nas festividades de âmbito nacional é inquestionável, determinando quais acontecimentos devem ser fixados na memória da nação como seus sinais diacríticos, “além de fornecer os padrões valorativos que devem in-

---

<sup>1</sup> - O artigo é inspirado no capítulo 1 da dissertação de mestrado do autor, intitulada “**Leituras Brasileiras – Reflexões sobre os 500 anos**”, defendida em 2005, no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFC.

formar a apreensão desses eventos”<sup>2</sup>. A prioridade conferida aqui à narrativa estatal não implica, portanto, numa negação do papel desempenhado pelos demais atores sociais.

Embora já existisse em 1993 algum indicativo das pretensões festivas do governo Federal, restrinjo minha leitura às diretrizes estabelecidas durante o duplo mandato do presidente Fernando Henrique Cardoso (1995/1998 e 1999/2002), quando foi definitivamente instituída uma “Comissão Nacional para as Comemorações do V Centenário do Descobrimento do Brasil” e o debate sobre “os 500 anos” ganhou ressonância<sup>3</sup>.

Para Nicolas Shumway, uma nação bem-sucedida “é também uma nação que produziu uma história aceita pela maioria dos seus cidadãos”. Nessa construção de um passado comum, “a verdade é menos conveniente à sobrevivência da nação que uma narrativa bem-feita, que ofereça aos habitantes dum território um sentido de pertença, de passado compartilhado e de destino coletivo”<sup>4</sup>. Implícita nestas observações, está a idéia de que “fazer uma nação é também escrever a história desta nação”. Para tanto, deve-se “escolher os grandes eventos e os grandes heróis que de algum jeito explicam o presente e o lugar que cada cidadão ocupa neste presente”. Esta tarefa, reconhece ele, pode ser chamada de “fundar mitos e de criar uma mitologia nacional”. Suas colocações dialogam com o estudo clássico de Benedict Anderson. Analisando as sociedades do século XIX, Anderson sugeriu que as nações seriam comunidades imaginadas, “construídas” via intervenção do Estado e através de “estratégias” específicas: a elaboração de um passado comum, com ancestrais e heróis; a ênfase num tempo linear, na continuidade física e territorial; a imposição de uma língua oficial; e o reforço identitário a partir da construção de museus etnográficos, da realização de exposições, da valorização do folclore, da difusão do romance histórico e da edificação de monumentos (ou seja, o reforço de uma memória nacional)<sup>5</sup>.

Meu objetivo é demonstrar que semelhante pretensão capitalizou os esforços do governo Federal nas comemorações dos “500 anos”: recordar um passado e reativar uma “mitologia” (independente de sua *fidelidade histórica*), de forma a renovar uma

---

<sup>2</sup> - SILVA, Kelly Cristiane da. **A nação cordial: uma análise dos rituais e das ideologias oficiais de “comemoração dos 500 anos do Brasil”**. Rev. Bras. Ciências Sociais [online], fev. 2003, vol. 18, nº 51, [citado 11 abril 2004], p. 141-160. Disponível na World Wide Web: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-69092003000100010&lng=pt&nrm=isso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092003000100010&lng=pt&nrm=isso)>. ISSN 0102-6909

<sup>3</sup> - Ao priorizar este aspecto no trabalho, não pretendo sugerir que a interpretação da história idealizada por esta Comissão teve plena aceitação; ao contrário, tal versão suscitou algumas reações na sociedade, como o movimento intitulado “Brasil: Outros 500”.

<sup>4</sup> - SHUMWAY, Nicolas. *Estados Unidos da América: alegorias do Apocalipse no discurso sobre a nação*. In: PRADO, Maria Lígia Coelho e VIDAL, Diana Gonçalves. (org.). (2002). **À Margem dos 500 Anos: Reflexões irreverentes**. Coleção Estante USP: Brasil 500 anos. São Paulo, Edusp.

<sup>5</sup> - ANDERSON, Benedict. (1983). **Comunidades imaginadas – reflexões sobre a origem e difusão do nacionalismo**. São Paulo, Ática.

memória social comum. Ou seja, a ênfase oficial da festa recairia na velha narrativa do Descobrimento, que incensa o feito dos colonizadores (visão eurocêntrica), desconsidera a trajetória dos povos ameríndios e minimiza a contribuição dos demais grupos étnicos que plasmaram o Brasil contemporâneo. Por esta versão, a areia de nossa ampulheta somente é vertida com a chegada do colonizador. Recontada à exaustão nos livros de história e transformada em acontecimento fundador de nosso passado, esta narrativa foi assimilada pela organização oficial do “V Centenário do Descobrimento” (PRADO e VIDAL, 2002). Tratemos, pois, de pormenorizar a memória social que se buscou comunicar aos brasileiros.

Por memória social, compreendo as recordações que os indivíduos guardam tomando por referência os grupos a que pertencem ou aqueles dos quais já participaram (ou seja, que é socialmente construída). Para Maurice Halbwachs, é através do sentido de pertencimento a um grupo social que os indivíduos são capazes de adquirir, localizar, evocar e preservar as suas memórias – *toda recordação tem o outro como referência*. Reconhecer-se inserido num grupo ou com ele se identificar, portanto, é um pré-requisito para que uma memória social possa ser compartilhada (Halbwachs, 1990:27).

Ao investigar os mecanismos de preservação e comunicação dessas lembranças comuns ao grupo – de que forma são repassadas de uma geração a outra ou se tornam vilipendiadas pelo esquecimento –, Paul Connerton destaca o papel das cerimônias comemorativas como *depósitos* privilegiados desse tipo de memória e veículos de sua transmissão social. O termo *grupo* empregado pelo autor tem sentido lato, referindo-se tanto às pequenas sociedades, em que todos se conhecem, como às sociedades territorialmente extensas. Para ele, nossa experiência do presente depende em grande medida do conhecimento que temos do passado: *entendemos o mundo num contexto que adota os acontecimentos pretéritos como referência*. Para que tal relação se configure, é necessária a existência de uma memória comum entre os indivíduos: memórias divergentes não assegurariam a unidade do grupo (Connerton, 1999:1-5).

O debate também encerra uma dimensão política. Para Connerton, o controle da memória de uma sociedade – a definição do que deve ser esquecido ou lembrado – é um recurso possível para se estabelecer relações de poder. Sobre a questão, Jacques Le Goff é enfático: afirma que “o desejo de se tornar senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas”. Para o francês, os silêncios da história “são reveladores desses mecanismos de manipulação da memória coletiva” (1994:426).

Penso que semelhante pretensão – um esforço de dominação pelo reforço de uma memória comum – pode ser identificada no caso aqui estudado, o “V centenário do Descobrimento”. Na versão oficial da festa, buscou-se reforçar uma interpretação do passado brasileiro com ênfase no “mito das 3 raças” ou “fábula das 3 raças”, como prefere DaMatta<sup>6</sup>. Tal mito foi forjado para assegurar nossa singularidade cultural frente a outros povos (Schwarcz, 1993), ao mesmo tempo em que foi utilizado para dissimular o racismo do nosso regime escravocrata (*supostamente mais flexível do que outros regimes na América*).

Conforme demonstrarei, a partir de trechos de *falas oficiais* (discursos presidenciais), a evocação contemporânea da “fábula das 3 raças” parece sugerir, tal como no século XIX, que o contato entre brancos, negros e índios se deu de forma harmônica: uma visão que celebra a mestiçagem ao mesmo tempo em que mascara os conflitos existentes neste contato e parece negar qualquer racismo em nossa sociedade. Por outro lado, o discurso oficial também permite divisar outro aspecto: a ênfase no *protagonismo português* – o colonizador é apresentado como agente do processo civilizador brasileiro.

Considero importante, porém, nos aprofundarmos nas considerações de Paul Connerton. Para ele, as cerimônias comemorativas constituem uma modalidade de rito especial. Como os demais ritos, seus *efeitos* não estão limitados ao momento de execução (os sentimentos que ele desperta ou revive participam e organizam a vida cotidiana). Porém, na avaliação de Connerton, tais cerimônias se distinguem pelo fato de “se referirem explicitamente a pessoas e acontecimentos prototípicos, quer se considere que estes têm uma existência histórica ou mítica” (1999:70); ou seja, dizem respeito a grandes eventos ou personalidades do passado. A reencenação (*a celebração da recorrência exemplar*) seria sua característica peculiar: neste tipo de ritual, uma comunidade “é recordada de sua identidade, representando-a e contando-a numa metanarrativa” (Connerton, 1999:81). A representação visa despertar um sentimento de cumplicidade e orgulho nos observadores.

As observações do autor são adequadas para avaliarmos a versão oficial dos “500 anos do Descobrimento” – uma cerimônia com organização calendarizada (com lugar, dia e horário definidos para sua realização), que comemorou explicitamente uma continuidade com o passado, a partir da clara referência a um acontecimento prototípico. Tal festa foi marcada pela reencenação: a reconstrução da nau capitânia, simulando o feito

---

<sup>6</sup> - DAMATTA, Roberto. (2000). **Relativizando, uma Introdução à Antropologia Social**. 6ª edição. Rio de Janeiro, Rocco.

marítimo de Pedro Álvares, e a transferência temporária da sede do governo Federal para Porto Seguro, onde a frota portuguesa primeiro aportou, numa representação simbólica deste episódio, permitindo ao público presente (re)vivê-lo. Aqui, a dimensão ritual permite a atualização/cristalização dos fatos históricos, tornando-os mais palatáveis à memória pública. Mas, se comemorar implica em reviver de forma coletiva a memória de um *ato fundador*, de modo a sacralizá-lo, é preciso repensar o sentido do que foi socialmente celebrado.

Penso que a identificação destes valores diretamente nas *falas oficiais* já se faz necessária. Para tanto, selecionei trechos de um discurso presidencial indicativo das pretensões do governo Federal à ocasião. O esforço aqui almejado, ressaltado, é hermenêutico – interpretativo e sem aspirações de verdade única (outras leituras *do mesmo referencial* são possíveis)<sup>7</sup>. A eleição da *fala presidencial* como principal fonte atendeu a dois critérios: dada à proeminência do cargo e do ocupante, ela seria representativa dos valores idealizados pelo Estado para o evento em questão; por fim, se constituiu no referencial mais acessível.

Gostaria, porém, de iniciar esta leitura com um trecho das *Diretrizes e Regulamentos*, que considero representativo dos valores que circunscreveram o dispositivo institucional das comemorações<sup>8</sup>:

“A cultura brasileira demonstra, tanto em sua matriz erudita como na popular, essa pluralidade que se manifesta antes pela agregação que pela segregação e conflito. Como resultado desse caldeamento de etnias e culturas, o Brasil se apresenta hoje como uma inédita experiência de civilização tropical, com traços próprios e singulares”.

O parágrafo é ilustrativo dos objetivos oficiais na festa: a ênfase na unidade da cultura nacional e sua capacidade agregadora, equilibrando pluralidades, minimizando divergências (um *caldeamento* estável). Pelo texto, compomos uma civilização tropical inédita, singular e, dado o potencial aglutinador, de *vocação pacífica* (sem espaço para o conflito). Quero ressaltar que este “reforço” ou “insistência” na unidade cultural brasileira – a principal memória social a ser comunicada nos “500 anos” – coincide com o papel do Estado identificado por Anderson e Shumway. Para o primeiro, é sua função

---

<sup>7</sup> - Sobre hermenêutica, conferir: GADAMER, Hans-Georg. (2002). **Verdade e Método II**. Petrópolis, Editora Vozes.

<sup>8</sup> - *Diretrizes e Regulamentos*, Comissão Nacional para as Comemorações do V Centenário do Brasil, Brasília, 1997, pp. 9-10. Citado a partir de SILVA, Helenice Rodrigues da. "**Rememoração"/comemoração: as utilizações sociais da memória**. *Revista Brasileira de História*. [online]. 2002, vol.22, no.44, p.425-438. Disponível na World Wide Web: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-01882002000200008&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882002000200008&lng=pt&nrm=iso)>, [acesso em 12 de abril de 2004]. ISSN 0102-0188.

insistir num revigoroamento da nacionalidade via elaboração de um passado comum e reforço identitário (a ênfase no dissenso não faz parte de suas atribuições)<sup>9</sup>. Shumway é mais incisivo: na construção dessa memória social, explica, “a verdade é menos conveniente  sobrevivência da nação que uma narrativa que ofereça aos habitantes dum território um sentido de pertenca, de passado compartilhado e de destino coletivo”<sup>10</sup>.

Desejo agora mapear os valores presentes na versão oficial do “V Centenário do Descobrimeto” em alguns parágrafos do discurso presidencial intitulado “Nossos 500 anos”, proferido por FHC por ocasião da abertura oficial das comemorações do evento. É interessante notar como os temas identificados nas *Diretrizes e Regulamentos* reaparecem aqui com nova roupagem e verniz acadmico.

“Recebo nesse instante, vinda de Portugal, a terceira ‘chama do conhecimento’. A primeira, recebi em São Raimundo Nonato, no Piauí, das mãos de chefes indígenas. Logo depois, Ruth Cardoso recebeu, nos sertões de Goiás, das mãos dos Calungas, descendentes de escravos africanos, a outra das chamas simbólicas, do *encontro entre raças e culturas que formou o Brasil*. No romper do ano 2000, quando nosso país completar seus 500 anos, *rendemos homenagens aos formadores de nossa civilização*: brancos europeus, de fala portuguesa e f em Cristo, ndios autóctones com dezenas de falas e crenças e negros africanos, também diversificados na língua e na cultura. A essa base, juntaram-se vários outros povos, que trouxeram suas crenças, seus valores, suas técnicas e, sobretudo, sua f nessa nova América.

*Somos talvez a maior nação multirracial e multicultural do mundo ocidental, senão em número de habitantes, na capacidade integradora da civilização que fundamos. Esta diversidade e sua mestiçagem constituem a marca do nosso povo, o orgulho de nosso país, o emblema que sustentamos no pórtico do novo século. E essa identidade dá-nos a base para a entrada do novo milnio, o da civilização global, nos distingue pelos valores da tolerância, permite que reflitamos, a partir dela, o quanto conseguimos caminhar nesses 500 anos.*

[...] Pátria de imigração, de braços abertos aos que aportam, como o Cristo que nos guarda do alto do Corcovado. [...] *Terra da Solidariedade. É isso que pedimos como bênção nesta entrada do milnio. [...] Queremos preservar essa cordialidade, não para obscurecer o que ainda existe de desigualdade, de injustiça. Mas sim para amenizar a frieza do chamado “mundo moderno”.*

[...] *O que construímos e aprendemos no passado constitui a base para nossa confiança no futuro. A f em nós próprios e no que alcançarmos hão de guiarnos na busca do amanhã de esperança. Paz e amor são também nossos lemas. Soubemos manter a paz secular com os nossos vizinhos; estamos lutando para que ela exista entre nossos irmãos brasileiros, no catecismo da solidariedade. Paz nas famílias, na vida das pessoas, baseada não só na estabilidade econmica que estamos alcançando, mas na coesão social de um povo que constrói um destino comum. Meus amigos, quando os portugueses aventuraram-se pelos oceanos na ânsia de descobrir novas terras e novas gentes deram a marca da modernidade: a descoberta do outro, o reconhecimento da variedade e da diferença”.* [grifos meus]<sup>11</sup>

<sup>9</sup> - ANDERSON, Benedict. (1983). Op. Cit.

<sup>10</sup> - SHUMWAY, Nicolas. (2002). Op. Cit.

<sup>11</sup> - O discurso intitulado “Nossos 500 anos” foi proferido pelo presidente Fernando Henrique Cardoso por ocasião da abertura oficial das comemorações do histórico evento e publicado integralmente no jornal Folha de São Paulo, edição de 1 de janeiro de 2000, p. 11 (Editoria “Brasil”).

Os trechos grifados são esclarecedores. Eles enaltecem a diversidade cultural brasileira como nossa grande riqueza e apresentam o País como o lugar da tolerância, da solidariedade e do respeito às diferenças – “marcas da modernidade” inauguradas por Portugal e nos legadas durante a colonização. Compomos uma comunidade de matrizes diversas, mas não divergentes ou antagônicas; ao contrário, dada *a capacidade integradora da civilização que fundamos*, nosso *ethos* é aglutinador (descrição em conformidade com as *Diretrizes*: nosso *caldeamento étnico* tenderia para a *estabilidade*, a *conciliação*). Pátria onde graça a *cordialidade*, qualquer indício de tensão é eclipsado da história oficial enquanto forma de sociabilidade incompatível com este passado (*cordialidade*, aqui, é quase sinônimo de afabilidade e solidariedade – uma visão distinta do conceito formulado por Sérgio Buarque, que consiste numa crítica ao *ethos* brasileiro).

O discurso presidencial reconstitui a *fábula das três raças*, destacando o “clima amistoso” que teria marcado o *encontro entre raças e culturas que formou o Brasil*. Não há dúvidas quanto ao processo de miscigenação que plasmou o País, mas designar tal fenômeno de *encontro* constitui um eufemismo simplificador. Gostaria de precisar minha observação: não estou exigindo do Estado uma posição crítica (sua atribuição não é esta); apenas destaco os pontos desta *fala oficial* que suscitaram polêmicas e, ao ressaltar a necessidade de ponderação, creio que me encontro em afinidade com os propósitos do Estado. Afinal, se cabe a ele a organização dos eventos oficiais vinculados à data, contribuindo para a sedimentação de uma memória comum, penso que também é sua responsabilidade criar as condições para que as comemorações contem com a maior participação possível de todos os segmentos da sociedade brasileira (*ou seja, integrando esta extensa comunidade, sem produzir exclusões*).

Sobre o discurso, outra consideração me parece importante: a ênfase conferida ao protagonismo português neste processo – teriam sido eles os agentes civilizadores a nos legar *as marcas da modernidade: a descoberta do outro e o reconhecimento da diferença*. Uma última ressalva: tal como foi empregado pelo presidente Fernando Henrique Cardoso, o termo *multicultural* quase ressuscita o polêmico conceito de *democracia racial*, insistindo na idéia de uma coexistência pacífica dos diferentes grupos que aqui convivem. Estes grupos podem cultivar expectativas semelhantes, mas é provável que também alimentem anseios e pretensões divergentes entre si<sup>12</sup>.

---

<sup>12</sup> - Multiculturalismo, como ressalta Guacira Louro, é um vocábulo ambíguo: por um lado, pode servir como alavanca para a luta política de grupos subordinados que desejam ter representação ou para esclarecer o processo histórico de formação das diferenças; por outro, usado num contexto conservador, pode servir para aplacar as rivalidades, conformando-as e acomodando-as no seio de uma narrativa homogeneizadora, que ressalte as virtudes deste convívio

De qualquer modo, minha proposta ao investigar as *falas oficiais* dos “500 anos” foi demonstrar que os esforços do governo Federal tinham como objetivo o reforço de uma memória nacional, com a qual todos pudessem se identificar. Destaquei também que, apesar das críticas, as pretensões oficiais dialogavam com o papel que o Estado deveria protagonizar numa cerimônia desta natureza: ênfase na unidade cultural, revigoração da nacionalidade e reforço identitário da comunidade a ele vinculada.

Isso não nos impede, todavia, de ponderar sobre a dimensão política da festa. Contra a posição oficial, muitos intelectuais apresentaram uma leitura crítica do evento. Porém, o discurso acadêmico parecia exigir do governo uma negação e reinterpretação do passado. Uma posição ingênua. Reconhecer que o conflito e o dissenso não estiveram presentes na reencenação oficial é uma coisa; exigir sua inclusão no cronograma da festa, contudo, implica numa incompreensão das atribuições do Estado<sup>13</sup>. Não há dúvidas de que a memória revivida em Porto Seguro apresenta um recorte parcial e excludente de nossa história. Mas exigir do governo idêntica reflexão constitui um equívoco: se agisse assim, o Estado estaria em contradição com seu papel.

Finalizada parte deste ensaio, desejo adentrar agora em outra discussão, fundamental à análise do “V Centenário do Descobrimento”. No próximo segmento, apresentarei um estudo da mediação deste episódio histórico pelos meios de comunicação, bem como de sua intensiva cobertura por uma mídia específica (a Rede Globo de Televisão), duplo fenômeno que contribuiu para sua popularização junto ao público.

### 1.2 – A repercussão dos “500 anos” na mídia: a TV Globo como mestre de cerimônias

O dia 22 de abril, lembra Kelly Silva<sup>14</sup>, não tem o estatuto de feriado nacional (sequer é citado nas agendas). Isto implica em duas observações. A primeira, que nunca houve tradição comemorativa nesta data; a segunda emerge como consequência da anterior: como inexistia tal tradição, era preciso criá-la e inseri-la na agenda pátria. No entanto, é difícil precisar quando o governo Federal elegeu os “500 anos” como prioridade, colocando-o em evidência. Mapear o itinerário da “Comissão Nacional para as Co-

---

assim estabelecido, mascarando a dominação (LOURO, 2002). A segunda opção me parece embalar a narrativa oficial dos “500 anos”.

<sup>13</sup> - Para muitos intelectuais, ao privilegiar a palavra “descobrimento”, o governo Federal já teria definido um enfoque para o passado em celebração. O uso de tal vocábulo representaria um desejo de negação da história do continente que antecede o ingresso do europeu, bem como constituiria um eufemismo para o processo de colonização (o que houve não foi descoberta, mas conquista, invasão). Lembro, porém, que o termo *descobrimento* é polissêmico, possuindo outras conotações. *Descobrir* implica também em revelar partes encobertas, ainda desconhecidas, ato seguido de um deslumbramento ante a novidade encontrada. Em suas incursões pelos mares ocidentais, é possível afirmar que portugueses e espanhóis realmente *descobriram* – no sentido de que encontraram algo cuja existência ignoravam – um mundo para eles novo.

<sup>14</sup> - SILVA, Kelly Cristiane da. (2003). Op. Cit.

memorações do V Centenário do Descobrimento do Brasil” talvez seja um caminho possível para se decifrar a cronologia da festa.

Considero possível, contudo, a identificação de um outro *marco zero* dos “500 anos”, a partir da inserção desta temática na pauta diária dos meios de comunicação e sua conseqüente exposição na arena pública. Para Ubiracy Braga<sup>15</sup>, por exemplo, a celebração da data simbólica foi antecedida por um intenso “*clima de comunicação*”, tendo a televisão como principal veículo de divulgação. Eneida Cunha também reconhece o fenômeno: segundo ela, apesar do detalhamento ambicioso, até o final de 1997 as ações comemorativas não ultrapassavam as cerimônias oficiais. Apenas quando as notícias relacionadas ao evento passaram a integrar a programação das redes de televisão, os “500 anos” se tornaram “um fato com repercussões no todo social”<sup>16</sup>.

Ou seja, a inserção da pauta no campo das comunicações e a conseqüente circulação de notícias conferiram visibilidade à data, ratificando sua dimensão simbólica para o público. Coordenadores de uma pesquisa que analisou a repercussão do “V Centenário do Descobrimento” no âmbito das comunicações de massa, Denise Cogo e Fabrício Silveira ressaltam que, desde abril de 1998, as comemorações do evento se converteram “em campo privilegiado de produção de sentido na esfera midiática brasileira”<sup>17</sup>.

Ao reconhecer a “mediação” do evento histórico pelos *mass media*, não quero afirmar ter havido uma espécie de “pacto” entre o governo Federal e os principais veículos de comunicação (sobretudo as emissoras de TV), para o desenvolvimento de estratégias de controle da audiência. Insistir nesta assertiva implicaria em retomar um debate antigo que atribuía à mídia um poder persuasivo sobre a sociedade e desconsiderava a complexidade do processo receptivo. Neste trabalho, portanto, não ratifico esta visão *apocalíptica*.

---

<sup>15</sup> - BRAGA, Ubiracy de Souza. (1994). *Das Caravelas aos Ônibus Espaciais: a Trajetória da Informação no Capitalismo*. São Paulo: ECA/USP. Tese de Doutorado em Ciências.

\_\_\_\_\_. *O Próximo e o Distante: Incursão preliminar sobre Teoria e Aporia, Política e Desejo no pensamento social de Varnhagen (1816-1878) sobre o descobrimento do Brasil*. In: **O Público e o Privado**. Publicação do Mestrado em Políticas Públicas e Sociedade da Universidade Estadual do Ceará (Uece). Ano 1, número 1, janeiro/junho de 2003, publicação semestral. ISSN: 1519-5481.

<sup>16</sup> - CUNHA, Eneida Leal. **Brasil ao alcance de todos: imagens da nacionalidade e comemorações dos 500 anos do descobrimento**. In: Revista Semear, número 5, versão on line, s/ data de publicação, disponível no endereço: [http://www.lettras.puc-rio.br/catedra/revista/semiar\\_5.html](http://www.lettras.puc-rio.br/catedra/revista/semiar_5.html). [Acesso 10 de abril de 2004]. A revista é uma publicação da Cátedra Padre Antônio Vieira de Estudos Portugueses, da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ).

<sup>17</sup> - COGO, Denise e SILVEIRA, Fabrício. **Mídia e multiculturalismo: a produção de sentido sobre os 500 Anos do Descobrimento do Brasil**. Paper apresentado no XXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - Intercom 2000, organizado pela Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom) e realizado de 2 a 6 de setembro, na Universidade do Amazonas. Disponível em formato pdf, no endereço [www.intercom.org.br/papers/2000/gt16/gt16a3.pdf](http://www.intercom.org.br/papers/2000/gt16/gt16a3.pdf). [Acesso em 10 de abril de 2004].

Sugiro apenas que o cronograma da festa foi assimilado pela grande mídia, recebendo ampla divulgação; do ponto de vista das empresas de comunicação, tal interesse se justifica pelo potencial de rentabilidade dos “500 anos”, enquanto temática de grande adequação publicitária e matriz para programas diversos (documentários, séries, novelas históricas). Ressalto também que a identificação desta “mediação” não implica no reconhecimento de uma leitura homogênea do evento por parte do público; ao contrário, a efervescência crítica dos debates na academia e os muitos protestos que antecederam às comemorações demonstram que houve desaprovação de parcelas da sociedade. Além disso, não defendo a idéia de que a cobertura das diversas mídias tenha sido convergente, insistindo numa única interpretação dos “500 anos”. Ao contrário, a pluralidade de leituras sobre os “500 anos” na esfera midiática é resultado da cobertura do tema por diferentes veículos e editorias, e de sua apresentação em formatos diversos: notícias, ficção, documentário e anúncios publicitários. Acrescente-se ainda a proliferação de sites e listas de discussão na Internet, tendo como gancho o “V Centenário”.

Ressalto apenas que o evento, ao ser inserido na cobertura da grande mídia, passou a ingressar também, e em conseqüência disso, na *pauta de assuntos da audiência*. Resumiria este dispositivo comunicativo e sua ação como um trabalho de *agendamento*, perspectiva que se encaixa numa linha de estudos dos *mass media* designada como *hipótese do agenda-setting*. A hipótese pressupõe que o público tende a incluir ou a excluir de sua pauta de assuntos, os temas que são incluídos ou excluídos na cobertura dos veículos de comunicação; de modo análogo, a importância conferida pela audiência a esses temas é semelhante à ênfase atribuída pela mídia aos mesmos fatos e acontecimentos, inclusive sua hierarquização – por exemplo, a classificação do que é prioritário (Wolf, 1994:128 e 129). Ressaltar que houve um agendamento dos “500 anos” implica em afirmar que o assunto se fez presente no cotidiano nacional, em virtude de sua *tematização* pelos meios de comunicação. *Tematizar* um assunto significa colocá-lo na ordem do dia, priorizá-lo, conferir-lhe relevo e salientar sua importância ante as demais notícias (Wolf, 1994:144). Decisão que diz respeito tanto à sua frequência de exposição (o número de vezes em que é veiculado) quanto ao nível de abordagem que lhe é destinado (superficial, intermediário, aprofundado).

No que se refere à cobertura dos “500 anos”, desejo direcionar minhas observações exclusivamente ao papel protagonizado pela Rede Globo de Televisão (*TV Globo e afiliadas*) neste evento. Meu objetivo é ressaltar que, ao insistir na veiculação da versão oficial das festividades, a emissora carioca assumiu o papel de *mestre de cerimônias*,

conclamando a audiência a participar da reencenação do *Descobrimento*. Para ingressar na festa de forma explícita, a Rede Globo elaborou um projeto específico designado “Brasil 500”, implementado no início de 1998, cujas ações conjugavam de forma pedagógica três eixos centrais: a celebração da festa; um reforço da historiografia brasileira, com ênfase na unidade nacional; e a defesa da educação como meta prioritária para os próximos cinco séculos (confirmada, por exemplo, na promoção contínua do programa *Amigos da Escola*)<sup>18</sup>. Para Cogo e Silveira, a escolha da educação dialogaria com um dos “mitos” rememorados na festa: a promessa de superação no porvir das falhas que reverberam no presente (*nossa permanente condição de “País do futuro”*).

A ênfase do projeto global, portanto, encontrar-se-ia em conjunção com o ideário dos “500 anos” delineado pelo governo Federal: celebração da diversidade cultural e étnica do País, sem espaço para os conflitos e desigualdades que pontuaram nossa história; ao contrário, privilegiando o sentimento de unidade (uma identidade conformadora das diferenças). Um índice do estreito vínculo entre a emissora e o governo Federal podia ser observado nas *home pages* da Presidência da República e do Ministério do Esporte e Turismo – ambas possuíam *links* diretos para as páginas da Rede Globo.

Na avaliação de Sônia Mendonça, a inserção de pautas sobre a data na programação da emissora carioca representou um esforço de *homogeneizar o heterogêneo*, de construir nosso passado. Recorrendo a Pierre Bourdieu e seu conceito de poder simbólico, a historiadora argumenta que o papel da Rede Globo no evento foi manusear símbolos capazes de provocar comoções e identificação no telespectador, num esforço de neutralizar os dissensos e estimular a adesão: “A violência simbólica é aquela que extorpe submissões não percebidas como tais”<sup>19</sup>.

Para Cogo e Silveira, bem como para Eneida Cunha, grande parte do discurso da grande mídia, sobretudo da Rede Globo, promovia uma renovação da nacionalidade e uma revitalização do Estado Nacional, a partir da representação enfática e espetacularizada do corpo mestiço da nação em suas abordagens<sup>20</sup>. Para os autores, portanto, a difusão do ideal de nacionalidade, pautado num desejo de integração e identificação (*coesão social*), encontraria forte eco na programação da emissora carioca.

---

<sup>18</sup> - Fundamento minhas colocações a partir de diálogos com outros autores. O site idealizado para o projeto ([www.brasil500.com.br](http://www.brasil500.com.br)) já não está disponível, o que inviabiliza a pesquisa de informações oficiais da emissora.

<sup>19</sup> - MENDONÇA, Sônia Regina de. **Brasil: 500 anos de quê?** O artigo da professora da Universidade Federal Fluminense (UFF) encontra-se disponível no site do projeto “Brasil: Outros 500”, no endereço: <<http://www.brasil-outros500.org.br/500deque.htm>>. [Acesso 20 abril 2004]. Na página, não consta a data de publicação do artigo.

<sup>20</sup> - COGO, Denise e SILVEIRA, Fabrício. (2000). Op. Cit.; CUNHA, Eneida Leal. Op. Cit. In: Revista Semeiar, número 5, versão on line (s/ data de publicação).

Ao insistir na reconstituição e atualização desta versão idealizada, a TV Globo assume o papel de “historiadora”, dotada de um forte *poder de agendamento*: difícil desconsiderar o potencial de uma rede que, à época, contava com 115 emissoras afiliadas, uma cobertura de 99,84% do território nacional, e números expressivos de audiência<sup>21</sup>. A responsabilidade da empresa e *sua intencionalidade no episódio* podem ser melhor equacionados se considerarmos que mais de 90% de sua programação é produzida pela própria emissora.

Um balanço que se agrava se levarmos em conta que as ações do grupo não se restringem ao segmento televisivo aberto; expandem-se por outras mídias. A Globo Comunicações e Participações S.A. (Globopar), holding que controla as empresas do grupo (*Organizações Globo*), possui investimentos em canais fechados (*Globo Sat*), na Internet (*Globo.com*), no campo cinematográfico (*Globo Filmes*), no mercado impresso (*jornais e Editora Globo*) e fonográfico (*Som Livre*), além de deter várias concessões de radiodifusão, entre outros empreendimentos (parques temáticos e licenciamentos), mobilizando 20 mil profissionais.

Ainda sobre a primazia da TV Globo na condução dos festejos do “V Centenário do Descobrimento”, Denise Cogo apresenta outros dados esclarecedores, resultado de uma pesquisa que buscou compreender o conteúdo produzido pela mídia brasileira sobre os “500 anos” (em 3.288 matérias impressas e 62 programas televisivos), bem como a recepção destes discursos por 541 receptores<sup>22</sup>. Quase 96% dos receptores abordados afirmaram ter acompanhado a programação referente aos “500 anos” na grande mídia brasileira. A televisão desponta como veículo hegemônico, com 92% da predileção dos entrevistados, superando os jornais e revistas, o rádio e a Internet.

No segmento televisivo, as emissoras de sinal aberto mobilizaram a atenção de 91,7% dos entrevistados, contra 7,3% reservado aos canais por assinatura. Dentre os canais abertos, a Rede Globo recebeu 80,8% de indicações – sua concorrente mais próxima, a Rede Bandeirantes, obteve somente 14,1%. A liderança global também se impôs no segmento privado: *GNT, Globo News e Futura*, canais controlados pela Globopar, foram os mais citados pelos receptores. O resultado dessa hegemonia, segundo Co-

---

<sup>21</sup> - **Grupo é o maior império de mídia no País.** Matéria publicada no jornal *Folha de São Paulo*, edição de 7 de ago. 2003. Editoria: Brasil. Disponível em versão eletrônica em <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc0708200331.htm>>. [Acesso 15 abril 2004].

<sup>22</sup> - COGO, Denise. **Comemorar o quê? O receptor frente às estratégias de midiaticização dos 500 anos de Descobrimento do Brasil.** Artigo apresentado no Congresso da Asociación Latinoamericana de Investigadores de la Comunicación (Alaic), em 2002, em Santa Cruz de La Sierra (Bolívia). GT: *Estudos de Recepção*. Disponível em: <[www.eca.usp.br/alaic/material%20congresso%202002/congBolivia2002/trabalhos%20completos%20Bolivia%202002/GT%2013%20nilda%20jacks/denise%20cogo.doc](http://www.eca.usp.br/alaic/material%20congresso%202002/congBolivia2002/trabalhos%20completos%20Bolivia%202002/GT%2013%20nilda%20jacks/denise%20cogo.doc)>. [Acesso 12 de abril 2004].

go, é uma tendência ao apagamento das distinções, no campo da recepção, entre TV Globo (empresa específica) e mídia (termo genérico): *o primeiro foi muitas vezes tomado como sinônimo do segundo pelos entrevistados.*

O *protagonismo* global nas comemorações dos “500 anos” é ilustrado por outros números da pesquisa. Dos 62 programas televisivos selecionados para análise, 40,3% foram veiculados pela TV Globo e 43,6% nos três canais fechados controlados pela Globopar. Além disso, a programação transmitida pela emissora carioca alimentou 305 matérias na mídia impressa (10% da amostragem), no âmbito do que a autora designa de *diálogo entre meios*: uma espécie de *contaminação* da agenda de um veículo por outro.

Em síntese, a Rede Globo adentrou nas celebrações do “V Centenário do Descobrimento” primeiramente através do “Projeto: Brasil 500 anos”, demarcando seu espaço privilegiado na festa; depois, por intermédio de uma extensa e intensa cobertura das notícias oficiais relacionadas à data, além de chamadas diárias no horário nobre, onde artistas da emissora sensibilizavam o público para o evento. Por fim, inserindo o tema diretamente em sua programação, através da realização de produções de cunho histórico, convidando o espectador a participar dessa aula televisionada. Desta safra, fizeram parte as minisséries “A Muralha”, “Caramuru, A Invenção do Brasil” e “Aquarela do Brasil”, além da novela “Terra Nostra”.

Porém, compreendo que uma das principais intervenções da emissora nas festividades não se deu através do monitor televisivo; mas via um dispositivo de recordação bem mais explícito em sua proposta de rememoração da história que estava sendo celebrada: “o Relógio dos 500 anos”. Desenvolvido por Hans Donner, principal designer gráfico da Rede Globo, o gigantesco equipamento constituía uma espécie de presente, cujo objetivo era cronometrar o tempo que faltava para a data festiva (horas e dias), em contagem regressiva.

Considero o nome da engenhoca revelador de suas intenções: a designação “Relógio dos 500 anos” já especifica o acontecimento fundador em pauta nas comemorações, em tom de concordância. A história cronometrada em seus dígitos e ponteiros, portanto, dialoga com a versão idealizada das festividades. Não à toa, o primeiro equipamento foi assentado em Porto Seguro, berço histórico do descobrimento e cenário indicado pelo governo Federal como sede oficial das festividades. Até o final de 1998, outros 27 relógios foram instalados no País – um em cada capital brasileira, sempre em locais de grande movimentação pública e de fácil visibilidade. A exemplo de seu nome, o design do equipamento também carece de decodificação (*conferir fotos abaixo*). De dimensões

grandiosas, a máquina era acoplada numa superfície plana, vertical. O mostruário do relógio era um *globo* azulado com os contornos do mapa-múndi, tendo ao centro, em destaque, o território brasileiro (realçado pela coloração verde, em tom forte). O ponteiro dos segundos, em tom amarelo, apontava para o *núcleo*, realçando a centralidade da festa (*e seu locus*). Logo abaixo, um painel com dígitos brancos indicava os dias que restavam para adentrar a data.

Arquivo Diário do Nordeste (DN)



A conjunção de tonalidades é explícita: numa festa que se pretendia nacional, as cores do principal símbolo da pátria (*a bandeira*) eram enaltecidas, de forma a assegurar a identificação dos transeuntes e evitar polissemias – a leitura do relógio não comportava divergências: deveria atualizar em seus observadores a lembrança de um evento com data e lugar definidos, voltado à celebração de um passado comum à nação, cuja dimensão simbólica haveria de ser extensiva a todos que contemplassem o equipamento, independente de sua participação direta nas comemorações. O mapa do Brasil ao centro, em cores nítidas, realçava a dimensão nacional da festa.

### 1.5 – *Comemorar é possível, refletir é imprescindível:*

Finalizada a leitura do dispositivo comemorativo dos “500 anos” e do “clima de comunicação” que circunscreveu a data, penso ser possível apontar algumas conclusões. Se, como nos esclarece Paul Connerton, entendemos o mundo num contexto que adota os acontecimentos pretéritos como referência, a comunicação de uma memória fragmentada neste evento poderá resultar numa compreensão parcial da história por parte daqueles que apenas assimilarem sua versão oficial. Em 22 de abril de 2000, o povo brasileiro foi conclamado à unidade, através da reencenação de uma memória que insis-

tia em celebrar um acontecimento prototípico do passado e em reafirmar velhas ideologias. Buscou-se o reforço de uma identidade comum, via celebração enfática do potencial integrador da cultura brasileira, potencial este capaz de conferir homogeneidade a uma sociedade heterogênea (um “*ethos* aglutinador” que conforma as diferenças).

Tendo em vista as considerações de Benedict Anderson e Nicolas Shumway sobre o papel do Estado na construção e revigoração da nacionalidade, bem como as observações de Connerton sobre o papel das cerimônias comemorativas na atualização da memória social, é possível entender o direcionamento ideológico da festa. Exigir do Estado revisões históricas ou rupturas constitui um equívoco - sua tarefa é preservar a coesão da comunidade sobre “sua tutela”. Coube aos intelectuais formular uma interpretação crítica do episódio: em suas análises, o “V Centenário” emerge como uma grande e imprecisa metáfora, utilizada para encobrir hierarquias e exclusões, bem como para renovar velhas ideologias. Embora concorde com esta avaliação, penso que ela carece de ressalvas: tal leitura peca pela politização excessiva e por exigir do Estado um papel incompatível com suas atribuições. Como já destaquei, é possível censurar os riscos da sedimentação social desta memória fragmentada, mas é um erro cobrar do governo uma reflexão similar àquela produzida na esfera acadêmica.

Creio que um resumo pontual deste debate entre esferas divergentes (academia e Estado) é apresentado por Kelly Silva, ao refletir sobre a versão oficial das comemorações: a questão central, argumenta ela, não era cobrar do Estado a elaboração de um discurso que privilegiasse sistematicamente situações de conflito; se assim procedesse, o governo estaria minando as chances de consolidação da comunidade moral que ele próprio deveria fortalecer, via a ênfase numa narrativa homogênea de nossa formação<sup>23</sup>. Isso não significa, porém, que não se possa exigir dele a construção de “imagens mais verossímeis, que representem o perfil heterogêneo da população, bem como os processos históricos que lhe atribuíram existência”.

## **Referências bibliográficas:**

### Livros e artigos científicos

- ANDERSON, Benedict. (1983). **Comunidades imaginadas – reflexões sobre a origem e difusão do nacionalismo**. São Paulo, Ática.
- BALAKRISHNAN, G. (Org.). (2000). **Um mapa da questão nacional**. Rio de Janeiro, Contraponto.
- BOURDIEU, Pierre. (2002). **O poder simbólico**. 4ª edição. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil.
- BRAGA, Ubiracy de Souza. (1994). **Das Caravelas aos Ônibus Espaciais: a Trajetória da Informação no Capitalismo**. São Paulo: ECA/USP. Tese de Doutorado em Ciências.

---

<sup>23</sup> - SILVA, Kelly Cristiane da. (2003). Op. Cit.

COGO, Denise e SILVEIRA, Fabrício. **Mídia e multiculturalismo: a produção de sentido sobre os 500 Anos de Descobrimento do Brasil**. Paper apresentado no XXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - Intercom 2000, organizado pela Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom) e realizado de 2 a 6 de setembro, na Universidade do Amazonas. Disponível em formato pdf, no endereço [www.intercom.org.br/papers/2000/gt16/gt16a3.pdf](http://www.intercom.org.br/papers/2000/gt16/gt16a3.pdf). [Acesso em 10 de abril de 2004].

COGO, Denise. **Comemorar o quê? O receptor frente às estratégias de mediação dos 500 anos de Descobrimento do Brasil**. Artigo apresentado no Congresso da Asociación Latinoamericana de Investigadores de la Comunicación (Alaic), realizado em 2002, em Santa Cruz de La Sierra (Bolívia). GT: *Estudos de Recepção*. Disponível em:

[www.eca.usp.br/alaic/material%20congresso%202002/congBolívia2002/trabalhos%20completos%20Bolívia%202002/GT%2013%20nilda%20jacks/denise%20cogo.doc](http://www.eca.usp.br/alaic/material%20congresso%202002/congBolívia2002/trabalhos%20completos%20Bolívia%202002/GT%2013%20nilda%20jacks/denise%20cogo.doc). [Acesso 12 de abril 2004].

CONNERTON, Paul. (1999). **Como as sociedades recordam**. 2ª edição, Oeiras, Celta Editora.

CUNHA, Eneida Leal. **Brasil ao alcance de todos: imagens da nacionalidade e comemorações dos 500 anos do descobrimento**. In: Revista Semear, número 5, versão on line, disponível no endereço: [http://www.letras.puc-rio.br/catedra/revista/semiar\\_5.html](http://www.letras.puc-rio.br/catedra/revista/semiar_5.html). [Acesso 10 de abril de 2004].

DAMATTA, Roberto. (2000). **Relativizando, uma Introdução à Antropologia Social**. 6ª edição. Rio de Janeiro, Rocco.

ELIAS, Norbert. (1990). **O Processo Civilizador – volume 1**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor.

\_\_\_\_\_ (1993). **O Processo Civilizador – volume 2**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor.

GADAMER, Hans-Georg. (2002). **Verdade e Método II**. Petrópolis, Editora Vozes.

HALBWACHS, Maurice. (1990). **A Memória Coletiva**. São Paulo, Edições Vértices.

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero e sexualidade: histórias de exclusão*. In: PRADO, Maria Lígia Coelho e VIDAL, Diana Gonçalves. (org.). (2002). **À Margem dos 500 Anos: Reflexões irreverentes**. Coleção Estante USP: Brasil 500 anos. São Paulo, Edusp.

MENDONÇA, Sônia Regina de. **Brasil: 500 anos de quê?** O artigo da historiadora, professora da Universidade Federal Fluminense (UFF), encontra-se disponível no site do projeto “Brasil: Outros 500”, no endereço: <http://www.brasil-outros500.org.br/500deque.htm>. [Acesso 20 abril 2004].

PRADO, Maria Lígia Coelho e VIDAL, Diana Gonçalves. (org.). (2002). **À Margem dos 500 Anos: Reflexões irreverentes**. Coleção Estante USP: Brasil 500 anos. São Paulo, Edusp.

SCHWARCZ, Lília Moritz. (1993). **O Espetáculo das Raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930**. São Paulo, Cia da Letras.

SILVA, Kelly Cristiane da. **A nação cordial: uma análise dos rituais e das ideologias oficiais de “comemoração dos 500 anos do Brasil”**. Rev. Bras. Ciências Sociais [online], fev. 2003, vol. 18, nº 51, [citado 11 abril 2004], p. 141-160. Disponível na World Wide Web: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-69092003000100010&lng=pt&nrm=isso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092003000100010&lng=pt&nrm=isso). ISSN 0102-6909

SILVA, Helenice Rodrigues da. **"Rememoração"/comemoração: as utilizações sociais da memória**. *Revista Brasileira de História*. [online]. 2002, vol.22, no.44 [citado em 12 de abril de 2004], p.425-438. Disponível na World Wide Web: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-01882002000200008&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882002000200008&lng=pt&nrm=iso). ISSN 0102-0188.

SHUMWAY, Nicolas. *Estados Unidos da América: alegorias do Apocalipse no discurso sobre a nação*. In: PRADO, Maria Lígia Coelho e VIDAL, Diana Gonçalves. (org.). (2002). **À Margem dos 500 Anos: Reflexões irreverentes**. Coleção Estante USP: Brasil 500 anos. São Paulo, Edusp.

SOUZA, Jessé. (2000). **A modernização seletiva: uma reinterpretação do dilema brasileiro**. Brasília, Editora da UnB.

WOLF, Mauro (1994). **Teorias da Comunicação**. Lisboa, Editora Presença.

#### Matérias de jornais (artigos, entrevistas, ensaios, notícias)

**Grupo é o maior império de mídia no País**. Matéria publicada no jornal *Folha de São Paulo*, edição de 7 de ago. 2003. Editoria: Brasil. Disponível em versão eletrônica em <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc0708200331.htm>. [Acesso 15 abril 2004].

LOBATO, Elvira e SANTOS, Chico. **Globo fatura R\$ 4,5 bi e emprega 20 mil**. Matéria publicada no jornal *Folha de São Paulo*, edição de 8 de ago. 2003. Editoria: Brasil. Disponível em versão eletrônica no endereço: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc0808200332.htm>. [Acesso 16 abril 2004].

**Ministério destina R\$ 2,3 mi para réplica de embarcação**. Matéria publicada na *Folha de São Paulo*, edição de 27 de agosto de 1999, p. 11.

**Nossos 500 anos**. Discurso presidencial publicado integralmente no jornal *Folha de São Paulo*, edição de 1 de janeiro de 2000, p. 11 (Editoria “Brasil”).